O campeão brasileiro de 1987

RONALDO HELAL

Em 1978, o antropólogo Roberto DaMatta publicou "Carnavais, malandros e heróis", um clássico nas Ciências Sociais do Brasil. Ali, ele diagnosticava que o dilema brasileiro estaria centrado na tensão entre códigos impessoais e pessoais. O imbróglio que persiste até hoje sobre o campeão brasileiro de 1987 expressa este dilema.

A chamada Copa União, idealizada pelo então recém-fundado Clube dos 13, vencida pelo Flamengo, foi um marco no futebol brasileiro, obtendo a segunda melhor média de público até aquele momento. A presença do dilema brasileiro aparece já nos antecedentes.

As regras do campeonato de 1986 haviam sido modificadas para favorecer um grande clube a entrar na segunda fase da competição, sem que ele tivesse se classificado pelo regulamento. Com isso, o campeonato de 1986 retornou em 1987, gerando complicações, pois os clubes que disputavam as semifinais recusaram-se a competir, naquele período, em seus campeonatos locais.

Em maio de 1987, a CBF afirmou que não tinha recursos para organizar o campeonato. Em 1985, um presidente civil assumiu o poder, após duas décadas de ditadura, sendo que desde 1984 a luta por eleições diretas e uma nova constituição espalharam-se pelo país. É neste cenário que surge o Clube dos 13.

Entre outras coisas, o Clube dos 13 propunha

o campeonato com 13 clubes e a adoção do voto proporcional na CBF. A política de troca de favores sustentava o poder político da CBF que, sob a égide do voto unitário, proporcionava às pequenas ligas e clubes um poder de decisão maior do que o dos grandes clubes.

De um lado, a CBF, entidade amparada na legislação e, de outro, o Clube dos 13, integrando os grandes clubes. Um campeonato sem esses clubes seria inconcebível. Mas se abandonassem a CBF, a Fifa não os reconheceria. Estávamos diante de uma disputa entre o legal e o legítimo.

No dia 4 de setembro de 1987 foi noticiado o acordo. O campeonato teria 16 times no módulo verde (primeira divisão) e 16 no amarelo (segunda divisão). O Clube dos 13 negociaria o evento e a CBF incluiria três times. No comunicado entregue à imprensa pela CBF, com o campeonato já em andamento, lia-se que "a classificação dos representantes do Brasil na Taça Libertadores da América ocorrerá na abertura da temporada de 1988, sob forma de um torneio quadrangular, integrado pelos dois primeiros colocados dos módulos verde e amarelo" (O GLOBO, 04/09/87). Não se falava em campeão. E o Clube dos 13 afirmara ser contra o quadrangular.

A imposição do quadrangular devia-se provavelmente ao fato de o poder da CBF estar assentado no apoio de clubes de menor expressão, em uma política nociva de troca de favores que, por muitos anos, produzia campeonatos deficitários.

O Clube dos 13 — e não somente o Flamengo

e o Internacional, campeão e vice da Copa União — não aceitou o quadrangular, visto como um retrocesso em relação às suas reivindicações. Na final do módulo amarelo, o Sport sagrou-se campeão, e o Guarani, vice. Após uma disputa de pênaltis que terminou empatada em 11 a 11, a CBF deu o título ao Sport.

Fora do âmbito das relações jocosas entre torcidas, a desconsideração da CBF ao título do Flamengo em 1987 é um desrespeito aos atletas, torcedores e dirigentes dos clubes que participaram da competição. Retirar do Sport um título que ele ostenta há 30 anos seria indigno. A conciliação tornou-se inexorável. Em 2011, a CBF declarou dois campeões em 1987: o Flamengo e o Sport. Não seria a primeira vez com dois campeões. O campeonato carioca, por exemplo, teve dois campeões durante os anos de 1933 a 1936, já que a então CBD não reconhecia a recém-criada liga profissional. E o título do carioca de 1907 passou a ser dividido entre Fluminense e Botafogo, após uma decisão judicial de 1996. Só que o Sport recorreu junto à Justiça Federal de Pernambuco, e a CBF voltou atrás da decisão de considerar o Flamengo também campeão. Uma pena.

Agora, o STF julga se o Flamengo também é o campeão de 1987, o que já o é, de fato, desde 1987, nos gritos de sua imensa torcida. ●

Ronaldo Helal é sociólogo e professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj